

Cristiane Costa – *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*

São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Virgínia Maria Vasconcelos Leal

As relações entre o jornalismo e a literatura, com seus encontros e desencontros, conflitos e reconciliações, dão-se de diversas maneiras. Pode-se pensar, por exemplo, em origens comuns (como é o caso do folheto), usos e funções lingüísticas compartilhadas, gêneros híbridos, como a crônica e o romance-reportagem, a profissionalização do escritor, a mídia como espaço de estratégia de promoção de editoras e autores, a função da crítica literária e da resenha etc. Ou seja, as articulações entre o campo literário e jornalístico sempre foram muito estreitas, sendo objeto de várias pesquisas multidisciplinares. E, como demonstrou a pesquisa “Personagens do romance brasileiro contemporâneo”⁹, as relações aproximam-se também na perspectiva da profissão dos autores publicados pelas três editoras pesquisadas (Rocco, Companhia das Letras e Record). A profissão mais citada é a de jornalista (36,4%), ao lado de professor universitário (16,4%) e escritor (13,3%).

O mérito de *Pena de aluguel*, de Cristiane Costa, é discutir tais articulações em aspectos múltiplos. Fundamentalmente, refez a pesquisa do jornalista e escritor João do Rio, realizada e publicada em 1904, quando perguntava aos intelectuais do período “se o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária”. A autora entrevistou 32 escritores jornalistas nos anos 90 e, a partir de seus depoimentos, dispôs-se a discutir algumas dessas tensas relações entre as duas áreas. Como opção metodológica, ela considerou jornalistas somente aqueles que trabalham (ou trabalharam) em periódicos em suas principais rotinas, sem incluir os eventuais colaboradores. Outro recorte foi em relação ao gênero literário: apenas entrevistou aqueles que publicaram romances, contos e poesia. Diretamente ligada ao seu objeto de pesquisa de Doutorado em Cultura e Comunicação pela UFRJ – ela também jornalista-

⁹ Ver Dalcastagnè, Regina. “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 26. Brasília, jul.-dez. 2005, pp. 13-71.

ta, ex-editora do Caderno *Idéias* do Jornal do Brasil, atual editora do site Portal Lateral e da revista *Nova História* – a autora consegue mesclar questões teóricas importantes com um estilo envolvente de quem conhece as artimanhas de um bom texto jornalístico.

Como uma espécie de longa introdução ao momento contemporâneo, o livro percorre cinco períodos históricos (de 1808-1830; 1840-1910; 1920-1950; 1960-1980; 1980 a março de 2004), traçando os processos de aproximação e diferenciação dos dois campos, ao longo dos anos enfocados. E coleciona boas histórias, a partir de uma vasta pesquisa bibliográfica. Suas personagens são, por exemplo, Machado de Assis, João do Rio, José de Alencar, João do Rio, Olavo Bilac, Benjamin Costalatt, Lima Barreto, no período da incipiente imprensa brasileira, que, com a ampliação de suas tiragens, precisou dos literatos como principal mão-de-obra.

Com o surgimento de grandes jornais, que não vão mais comportar o estilo anterior de texto, uma vez que as novas técnicas e demandas informativas se apresentavam, as condições modificaram-se. Nesse momento, entra nas redações outro grupo de escritores. Agora, a geração modernista, que rompeu com o estilo beletrista anterior: Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, e, em anos posteriores, Ferreira Gullar, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Clarice Lispector, Antonio Callado e tantos outros. Importante lembrar que, nesse momento, o jornalismo estava sofrendo modificações importantes, como a linguagem “objetiva”, as inovações gráficas, a separação em cadernos e editorias, refletindo, cada vez mais, as próprias hierarquias presentes na sociedade. Assim, o “jornalismo cultural” começa a ser encapsulado nos cadernos específicos, destacando-se, por exemplo, o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, que aparece na década de 50, como precursor do processo. A separação entre os campos literário e literário começa a acentuar-se, quando a influência dos padrões jornalísticos norte-americanos termina por tornar-se hegemônica nos jornais brasileiros, com técnicas de “objetividade”, “leads” (a informação logo nas primeiras frases, rompendo com o velho “nariz-de-cera” – a introdução vaga de um assunto), recursos visuais, até chegar aos manuais de redação, que buscam homogeneizar os textos. Uma das testemunhas mais interessantes dessa transição e delimitação dos campos foi Nelson Rodrigues, que, segundo Cristiane Costa, chamava os novos redatores de “idiotas da objetividade”. Ele, egresso

do jornalismo com “adjetivos e pontos de exclamação”, criticou bastante os novos modelos, chegando a publicar histórias, inspiradas em “fatos reais”, que nunca existiram, na famosa coluna “A vida como ela é”, no jornal *Última Hora*. O livro também destaca, paralelamente, escritores que foram importantes na consolidação do mercado editorial brasileiro, como Monteiro Lobato e Érico Veríssimo. Lobato é lembrado como um dos primeiros escritores e editores a considerar o livro como uma mercadoria que precisava ser distribuída e vendida como qualquer outra, investindo em diversas estratégias de divulgação de suas obras e de seus negócios editoriais. Por sua vez, Érico Veríssimo teve papel atuante na Editora Globo, de Porto Alegre, e em sua homônima revista, como tradutor e membro do conselho editorial.

Cristiane Costa analisa também o rearranjo entre os campos com a instalação do regime militar pós-64. Menos visada que a imprensa pela censura, a literatura, e seu público mais restrito, teve um poder maior de negociação para tratar de temas proibidos. Com diferentes tratamentos formais, muitos romances dos anos ditatoriais começam a trabalhar na chave referencial, tentando denunciar, mesmo que de forma alegórica, a realidade repressiva circundante. O jornalismo torna-se um dos principais personagens, seja como o profissional de comunicação no papel de protagonista, seja como técnica narrativa.

Chegando ao “momento literário 2000”, a partir dos depoimentos dos 32 escritores jornalistas (disponíveis na íntegra no *site* www.penadealuguel.com.br), o livro passa a questionar onde estaria a busca pela identidade nacional, que sempre moveu a nossa literatura (de certa forma, uma aproximação com a noção de empenho teorizada por Antonio Candido). Para ela, a resposta para “que país é este” deixou de ser central na obra desses novos escritores jornalistas, relacionando isso ao seu perfil profissional. Diferente das gerações anteriores, cujo exercício jornalístico era regido pela prática, sem quaisquer regulamentações, a maioria de hoje é treinada pelas faculdades de comunicação a fazer um tipo específico de texto, além de as redações estimularem o cumprimento dos seus próprios manuais. Assim, a maior parte daqueles que tinham proximidade com a literatura terminou nos cadernos culturais. Ou seja, buscaram o nicho possível para o exercício de um texto mais livre, como uma das justificativas possíveis. Ela cita, como exceções, Marçal Aquino

e Luiz Ruffato, que passaram pelas editorias de Polícia e Geral. Segundo os entrevistados de Cristiane Costa, há vantagens em trabalhar nos cadernos culturais, como “abrir portas no mercado editorial e tornar o jornalista um nome conhecido no meio literário” (p.169). Mas também apontaram desvantagens, como certa “visibilidade negativa, tanto pelo preconceito contra o jornalista que se quer escritor (mais um) quanto pela concorrência entre os órgãos de imprensa” (*Id, ibid.*). Tal questão aparece também no livro de Isabel Travancas, *O livro no jornal*¹⁰, que trata dos suplementos literários na imprensa, promovendo um interessante diálogo com *Pena de aluguel*. Essa questão divide os jornalistas dos suplementos literários. Como resenhar o livro do colega de trabalho, sem parecer favorecimento? E as opiniões são divididas: alguns editores colocam-se contra, outros a favor. Isabel Travancas cita, por exemplo, o depoimento de Luciana Villas-Boas, editora da Record e uma das figuras centrais do campo editorial brasileiro. Ela conta que ter trabalhado no caderno *Idéias* foi fundamental para sua contratação pela editora, interessada em ampliar sua imagem e espaço na mídia.

Em um momento em que o campo literário não pode prescindir da presença da mídia como elemento de legitimação e vínculo entre as obras, os leitores e o público, o livro de Cristiane Costa contribui bastante para a discussão, mesmo mantendo questões em aberto, apesar do esforço em fazer uma conclusão um tanto quanto esquemática. O que não invalida as proposições anteriores. Muitas delas, deixando um “gosto de quero mais”, como quando passa pelas questões de gênero: “Um fato revelado nesta pesquisa é que, surpreendentemente, as mulheres continuam sendo uma pequena minoria entre os escritores jornalistas. A questão de gênero merece ser levantada, já que a proporção de jornalistas do sexo feminino chega a mais da metade das redações dos principais órgãos de imprensa. No entanto, apesar de essa massa de mulheres ter ocupado seu espaço nos jornais, a literatura brasileira continua sendo um lugar para os homens” (p. 193). Em sua pesquisa, ela só contempla quatro escritoras jornalistas. Um dado que não chega a surpreender, quando vemos as estatísticas da inserção das mulheres em outros espaços públicos, mas que

¹⁰ Travancas, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários nos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2001.

poderia ter sido mais bem analisado pela autora (também uma jornalista com cargo de editora, também em menor número nas publicações brasileiras). Falar do que poderia ter sido feito em uma pesquisa de fôlego é sempre mais fácil do que fazê-la. E Cristiane Costa, pelo campo dos estudos da comunicação, o fez, enfrentando a difícil tarefa de tentar entrecruzar os dois campos, sem necessariamente hierarquizá-los.